



Nas grandes áreas de exploração, risco para empregados e lucros para os "barões do ouro"



Paracatu, fundada há 169 na primeira febre do ouro, agora sabe que ele é sua perdição

GARIMPO EM PARACATU (FINAL)

Rios mortos comprovam devastação

OMÉZIO PONTES (Textos)
ISAAC AMORIM (Fotos) *

Enquanto para provar a contaminação de mercúrio causada pelo garimpo em Paracatu são necessários os exames de laboratório, uma outra consequência destrutiva da febre do ouro é indiscutível em todos os locais por onde os garimpeiros já passaram ou estão atualmente. A maioria dos córregos e riachos do município hoje só existe nas placas das pontes de rodovias, pois lá embaixo, corre apenas um filete de lama, provavelmente carregando junto o mercúrio.

E, mesmo fora dos limites das rodovias, a situação não é diferente. Em todos os locais explorados pelos garimpeiros no município de Paracatu, os leitos dos córregos e riachos literalmente desapareceram e nem os mais experientes conseguem identificar o curso normal das águas. "Não dá para saber por onde as águas correm, pois os garimpeiros escavam das mais diferentes formas e destroem totalmente os

cursos normais dos riachos", lamenta o inspetor da Secretaria de Saúde e Assistência Social de Paracatu, Wilson Gonçalves de Souza, conhecido na cidade por "Zinho".

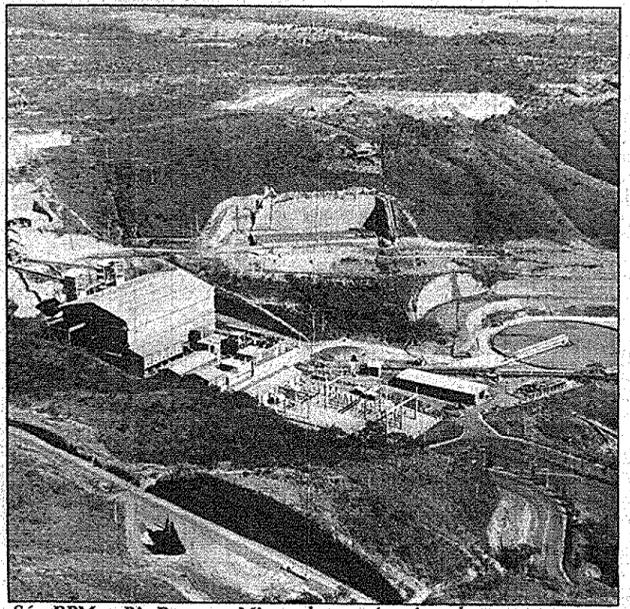
Por cima, a visão que se tem de Paracatu é que ela está sendo devorada pelos garimpeiros e hoje mais parece um queijo suíço, de tantos buracos que apresenta nos mais variados locais. Nem os limites urbanos escapam à ação predatória dos garimpeiros, que por onde passam deixam seu rastro. "A constituição municipal, estadual e federal prevêem que quem degrada o meio ambiente deveria deixá-lo da forma como encontrou, mas não dá para acreditar que os garimpeiros vão tapar este monte de buracos e recuperar os rios", reclama o presidente do Conselho de Defesa e Preservação do Meio Ambiente do município, Rogério Molina.

Mesmo que os garimpeiros parassem a caçada ao ouro hoje, Rogério Molina estima em dez anos o tempo necessário para

uma total recuperação dos rios e da ecologia como um todo em Paracatu. Mas ele alerta "isto tem que ser feito o mais rápido possível, sob pena de sofrermos aqui um acidente ecológico de proporções incalculáveis".

Uma das grandes potências na produção de grãos e leite em Minas Gerais, Paracatu entretanto não dispõe de dinheiro para realizar um trabalho de recuperação dos seus rios — que, sem dúvida, exigirá pesquisas minuciosas que minimizem o trauma causado pelo garimpo. "Para recuperarmos tudo isso, só com a ajuda do Governo Federal", argumenta o prefeito de Paracatu, Antônio Arquimedes Borges.

Como o presidente do Codema, Arquimedes Borges diz estar consciente de que a recuperação ambiental de Paracatu não pode esperar mais, só não sabe como começar. "Este deverá ser um trabalho demorado, mas que precisa começar logo, sob pena de termos sérios problemas no nosso ecossistema", alerta o prefeito.



Só a RPM — Rio Paracatu Mineradora — é registrada e paga impostos

Barões das minas são clandestinos

Assim como em outras atividades, o garimpo também enriquece poucos e castiga muitos. Em Paracatu não é diferente. "A única mineradora legalizada junto ao município é a Rio Paracatu Mineradora (RPM), da qual temos controle do que é extraído e assim podemos cobrar impostos", admite o prefeito Arquimedes Borges. Ao todo, segundo estimativas da Codema, são mais de três mil garimpeiros espalhados por todo o município paracatuense, num total de dragas e moínhos difícil de ser contabilizado. "Eles mudam muito, e por isso não dá para dizer este número com certeza", argumenta Rogério Molina, presidente da Codema.

Entre os muitos "barões de ouro", estão pessoas famosas na cidade que quase nunca aparecem nas áreas do garimpo, mas são as que mais desfrutam das suas riquezas. Neste seleto grupo, nem mesmo a Prefeitura Municipal está fora, representada pelo se-

cretário de Agricultura, Antônio Neves, proprietário da fazenda Lagoa Preta, de 600 hectares. "Tenho projeto de recuperação das áreas onde existe garimpo reconhecido pela Federação Estadual do Meio Ambiente", garante Antônio Neves.

Ele também assegura que a exploração de ouro na sua fazenda é feita em apenas dez hectares, apesar de estudos realizados por geólogos apontarem mais de 80 hectares da propriedade como área aurífera. O secretário de Agricultura de Paracatu também tem um argumento para não deixar de procurar ouro nas suas terras, apesar do próprio prefeito (seu chefe) dizer que a Prefeitura só reconhece como legal a extração da mineradora RPM: "Não podemos ficar dormindo em berço esplêndido com riquezas embaixo dos nossos pés", diz Antônio Neves. Ele assegura que a atividade extrativa em sua fazenda é feita com o acompa-

nhamento técnico que evita o despejo de rejeitos (como o mercúrio) no córrego que passa pelas terras. "Além disso, recuperamos toda a terra para ser aproveitada em atividade pecuária ou agrícola".

MISTÉRIO

Os "barões do ouro" de Paracatu quase não aparecem também e alguns até proibem a entrada da imprensa nas suas áreas de exploração. É o caso, por exemplo, do garimpo MTR, de propriedade de Eliana Rabelo, filha de Pedro Rabelo, outro conhecido proprietário de áreas auríferas do município. "Temos ordens para não dar entrevistas ou deixar fotografar o garimpo e só o proprietário pode mudar isso", afirmou em tom ríspido um dos administradores do garimpo da família Rabelo, num local onde fica a nascente do córrego São Domingos. Mal nasce, o rio já começa a ser morto pelos caçadores de ouro.

Cidade agora exorciza o ouro

Já se foi o tempo em que a população de Paracatu ficava atônita — ou até deslumbrada com a extração de ouro na região. Fora aqueles poucos que de alguma forma lucravam com o garimpo, todos os demais dizem torcer pelo fim da atividade no município. É verdade que Paracatu nasceu em função do ouro descoberto na região — há 169 anos — mas hoje está sofrendo um processo inverso: os garimpeiros estão matando todo o seu meio ambiente.

Os mais antigos lembram saudosos do tempo em que tomavam banho nas praias de areia e pedras que se formavam nos riachos próximos à cidade na época de estiagem. "Todos os finais de semana reuníamos à beira dos rios e fazíamos verdadeiros piqueniques que envolviam boa parte dos moradores", lembra

Wilson Gonçalves, o "Zinho", enquanto vislumbra do alto da ponte sobre o ribeirão do Neto a pequena quantidade de lama que hoje escorre pelo local que um dia já foi área de lazer da população. "Nós pescávamos bons peixes aqui e dava até para pular do alto da ponte, pois o rio era largo e fundo". Se fizer isso hoje, certamente ficará com a cabeça enterrada na areia e engolindo mercúrio.

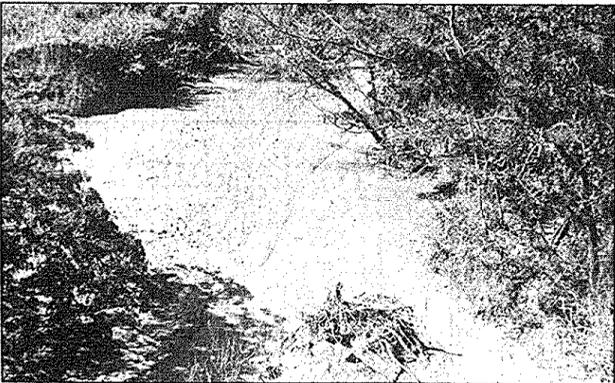
A população mais jovem da cidade também se ressentido do garimpo. Muitos nem chegaram a conhecer as praias, ou já as conheceram contaminadas. É o caso do estudante Carlos José Costa e Moura, que diz nunca ter tomado um banho nos riachos que rodeiam Paracatu. "Acho que se acabarem com o garimpo, logo ainda terei esta chance", sonha ele.

Até o gado chora para beber a água

Os grandes produtores rurais de Paracatu garantem ter buscado todas formas para driblar a contaminação do mercúrio, principalmente na utilização da água na lavoura e para o gado. O diretor da Cooperativa Agropecuária do Vale do Paracatu, José Carlos Quirino, diz que na área onde há agricultura irrigada "não deve estar chegando água contaminada". De qualquer forma, esconde seu temor: "Se der para fechar os garimpos, melhor para todos nós".

José Carlos Quirino faz questão de ressaltar que todos os produtos de Paracatu são analisados antes de chegarem ao consumidor. "Esta tem sido uma preocupação constante nossa". Ele só lamenta um fato, que soa quase como uma denúncia: "Há muitos produtores com terras às margens dos rios que estão se iludindo com o ouro e também garimpando". Ele não cita nomes, mas a advertência se enquadra perfeitamente ao secretário de Agricultura, Antônio Neves, que garimpa em suas terras.

Se os grandes já se acham prejudicados, que dizer dos pequenos, que mal têm condições de encontrar alternativas para a falta de uma água pura tanto para suas famílias como para o gado. Proprietário de apenas 20 hectares, onde inclusive abriu uma mercearia à beira da estrada que liga Paracatu a Unaí, o agricultor Antônio Pereira da Silva lamenta a situação: "Na época em



Os rios, destruídos, se transformaram em pobres filetes de lama

que a quantidade de água é menor, o gado chega para beber água no Ribeirão do Neto e fica berrando por várias horas até ter coragem de beber da água". Como não tem condições de fazer isso direto, Antônio Pereira afirma que apenas nos períodos mais críticos tira água de um poço artesiano e dá para o gado no cocho.

Antônio Pereira diz que "graças a Deus, até agora", nenhum de seus animais morreu por causa da água do riacho, mas lembra que vizinhos seus não tiveram a mesma sorte. "Se não chegar uma solução rápida, daqui a algum tempo não teremos mais condições de plantar nem criar nada nesta região", adverte o agricultor. Ele afirma que, por falta de opção, hoje ainda deixa o gado beber da água do Ribeirão

do Neto. Antônio e sua família às vezes também se utilizam da água e bebem diariamente o leite produzido na fazenda. "Fazer o que, morrer de fome?", pergunta indignado.

Quem tem outros recursos de captação de água está cercando a beira dos córregos e riachos para evitar o consumo daquela água por parte de suas criações. Só que isso, conforme admitem os próprios agricultores, é uma minoria, até porque fica muito dispendioso conseguir água de outra fonte — como poços artesanais, por exemplo — durante todo o ano. Por isso, não adianta a "chiadeira", ou "berradeira" do gado: ele só tem mesmo a opção da lama em que se transformaram os outrora límpidos riachos de Paracatu.

Doze horas de riscos por dia

Além de não terem participação nos lucros — a maioria recebe por semana em torno de Cr\$ 3 mil — os garimpeiros de Paracatu sofrem com as mais difíceis condições. Geralmente empregados de pessoas cujo rosto nunca viram estes homens — e até muitos jovens com idade entre 12 e 18 anos — trabalham em média 12 horas por dia com instrumentos rústicos, desde pás e bateias até mangueiras de bombe água dos córregos.

Com a pressão da água, vão furando buracos e derrubando barrancos, em busca do ouro, cada dia mais escasso, segundo eles próprios. Basta meia hora numa área de garimpo dessas, para se constatar que a preocupação com segurança simplesmente não existe. Caminhando em cima de troncos molhados e escorregadios ou encostados em barrancos de terra mole, eles passam o dia ignorando os perigos do garimpo.

São constantes as quedas de barrancos que soterram e matam garimpeiros, muitos sem família na região e por isso mesmo deixados por lá. O caso mais recente de que se tem notícia é o de que foi vítima o paracatuense Antônio Ferreira de Melo. Junto com ele, morreram outros dois garimpeiros. Antônio estava trabalhando no garimpo do riacho Pombal há menos de dois meses, depois de se ver obrigado a garimpar para cobrir os prejuízos de uma safra perdida por causa das enchentes na região.

"Ele começou animado com o

que estava ganhando mas, nos últimos dias, já estava ficando desiludido com o garimpo", lembra a esposa de Antônio Ferreira, Maria Inês, que ficou com cinco filhos para criar. O mais novo tem hoje um ano e dois meses e a mais velha é uma garota de apenas nove anos de idade. A situação da viúva tem comovido antigos amigos de seu marido, que estão se cotizando para construir pelo menos uma casa para a mulher no terreno de roçado onde Antônio Ferreira trabalhava antes como agricultor e ganhava metade da produção.

A prefeitura de Paracatu e órgãos diretamente ligados ao garimpo, acreditam que boa parte dos garimpeiros hoje instalados na região é de forasteiros atraídos pela febre do ouro. Os garimpeiros rebatem esta informação, dizendo que quase todos são de Paracatu e estão garimpando por não terem outra forma de trabalho.

A Secretaria de Saúde e Ação Social tem feito um trabalho de acompanhamento da chegada e saída dos garimpeiros e constatou que muitos não são de Paracatu, mas também não ficam muito tempo por lá. Segundo o chefe de fiscalização da Secretaria, Wilson Gonçalves de Souza, todos os meses entre 60 e 90 pessoas procuram a Secretaria pedindo passagens para ir embora de Paracatu. Quase todos são garimpeiros que vieram do interior goiano e não voltam para suas origens. "A maioria pede passagens para cidades grandes, inclusive Brasília", diz Wilson.